

NÓS GÓRDIOS: *PESQUISA*FORMAÇÃO E CIDADE ANTIRRACISTA

Alessandra da Silva Rezende Souza ¹

RESUMO

Este trabalho compõe parte das reflexões circuladas em encontros e conversas na disciplina eletiva Sujeito e Sociedade, mediada pelos Professores Doutores Rosa Malena e Luís Antônio Baptista, junto a Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com impacto em meu processo de pesquisaformação enquanto doutoranda no ano de 2024. Com o intuito de problematizar o slogan adotado pelo recente governo de Macaé, cidade na qual resido e atuo na Educação Básica, apresento costuras entre as contribuições de Josso, Krenak e Collins para caminhar por vias possíveis na construção de políticas públicas que contemplem o compromisso real no combate ao racismo estrutural, sem camuflar a realidade dura dos que sentem na pele as políticas de promoção da meritocracia, de terceirização dos serviços públicos, de desmonte e sucateamento das escolas públicas da cidade, por exemplo. O que têm a dizer os docentes atuantes nas periferias a respeito de tal slogan que estampa as entradas da cidade? O que faz Macaé ser considerada uma cidade antirracista? Considerando o vivido, o que é experienciado nos cotidianos como ponto de partida para conhecer nossas fragilidades e fracassos enquanto sociedade desigual construiremos tangíveis ações que nos distanciarão progressivamente de um existir violento e cada vez mais próximos de uma alteridade solidária. Os nós górdios servirão de metáfora na busca por compreensão da complexidade em torno da formação de seres antirracistas, considerando as questões de gênero, raça, idade, cidadania, religião, sexualidade, capacidade/deficiência e tantas outras categorias entrecruzadas.

Palavras-chave: nós górdios, pesquisaformação, cidade antirracista

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Professores da UERJ. Educação -Processos Formativos e Desigualdades Sociais, alessandrasmartins@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A dialética das relações e a complexidade da ligação das histórias de vida em diferentes contextos foram evidenciadas nos estudos de Josso (2006, p. 375) através da metáfora dos nós de marinheiro, sendo dois o menor número para pensarmos as ligações a serem multiplicadas. Neste sentido, concordamos com a autora quando afirma que não há ser humano que não esteja religado a alguém, mesmo que simbolicamente, “e ainda menos, história sem a constituição de ligações entre acontecimentos materiais e psíquicos de nossas vidas em suas dimensões individuais e coletivas”.

Sendo assim, ao conhecermos as simbologias que circundam nossas histórias, nossa existência, por uma presença consciente das intencionalidades que movem os nossos processos formativos, é possível reorientarmos nossa visão de mundo e curso de nossas histórias. Construiremos narrativas com significações que julgamos serem importantes para nossa existencialidade e praticar ações mais humanizadas na relação do nosso mundo interior com o espaço exterior, sejam eles naturais, públicos, sociais ou institucionais.

Este trabalho compõe parte das reflexões circuladas em encontros e conversas na disciplina eletiva Sujeito e Sociedade, mediada pelos Professores Doutores Rosa Malena e Luís Antônio Baptista, junto a Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com impacto em meu processo de pesquisa formação enquanto doutoranda no ano de 2024, a investigar como se constrói a ideia de cidade antirracista para além de uma política de governo, com compromisso real no combate ao racismo estrutural e sistêmico.

Algumas questões serão apresentadas tomando como inspiração a metáfora do nó Górdio (JOSSO, 2010) como ponto de atenção e reflexão, sobretudo do ponto de vista da formação continuada e seus entraves a transpor.

METODOLOGIA

Este trabalho foi organizado a partir das experiências como professora da Educação Básica, numa perspectiva autobiográfica, considerando meu processo de



pesquisa formação. Sendo assim, as reflexões construídas seguem um formato dialógico com aquele no qual se aproximou da temática.

Há quatorze anos atuo exclusivamente na Educação Infantil em escolas municipais da cidade de Macaé, no norte fluminense e desses quatorze anos, metade como gestora de uma unidade de ensino em uma das periferias mais desafiadoras que já trabalhei. Enquanto professora da Educação Básica em formação continuada sou constantemente confrontada em relação ao campo que escolhi como resistência e olhando para minha história de vida em formação, identifico que as questões de gênero e raça estarão sempre a moldar minhas ações e pensamentos.

Na minha cidade existe o seguinte slogan: Macaé, cidade antirracista! Sobre tal propaganda lanço dúvidas cruciais que me deslocam pela docência: Como se constrói uma cidade antirracista? Os integrantes dessa cidade aprenderam com quem a serem antirracistas? Quais são as políticas públicas que impulsionaram com que a cidade recebesse tal título? O que têm a dizer as professoras, grupo majoritário na atuação com crianças da Educação Infantil, a respeito de tal slogan que estampa entradas da cidade? Essa arte visual aparecem nas periferias da cidade, condizem com o vivido?

Em Macaé, os docentes possuem uma carga horária semanal de 22h e 30min destinados à estudo, planejamento e pesquisa, o que corresponde a uma “formação em serviço” que prefiro abordar como formação continuada. Os quadros abaixo explicitam a organização sugerida atualmente pela Secretaria Municipal de Educação para distribuição da carga horária semanal do professor A, que em Macaé é o professor atuante na educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e do professor C que é o professor atuante no segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ensino médio em algumas unidades estaduais municipalizadas.

De acordo com as orientações descritas nos quadros que virão abaixo, entende-se a preocupação em legitimar a formação que se dá no interior da escola, em sua maioria mediada pela equipe gestora, como espaços/tempos de reflexão coletiva. Um direito conquistado a base de muita mobilização da classe de professores e demais profissionais da educação. No entanto, o que vivenciamos por longos anos é uma rotina de reuniões esvaziadas de sentido do ponto de vista das problemáticas reais que afligem a comunidade escolar. A respeito do slogan adotado pelo governo atual, por exemplo, pouco ou quase nada se busca do corpo docente os conhecimentos sobre as questões de gênero e raça,



desigualdade social, práticas antirracistas. O que ainda presenciamos, infelizmente, é um modo de reuniões prescritivas, com pautas verticalizadas, focadas em eventos e apresentações com pouco impacto reais transformações que poderíamos construir

Figura 1 – Organização da carga horário do professor A

Professor A – Carga horária semanal de 22h 30min = 15h de regência e 7h 30min de estudo, planejamento e avaliação (Lei 11.738/2008 e Parecer CNE/CEB 18/2012)					
Semana	Regência de Classe	Horário de Atividades	Atividades Extra Classe/Formação	Acompanhamento Pedagógico	Carga Horária Semanal na UE
1	15 h	2h 30 min	4h	1h	18h 30 min
2	15 h	----	4h 30 min + 2h de formação (*)	1h	16h
3	15 h	2h 30 min	4h	1h	18h 30 min
4	15 h	----	4h 30 min + 2h de formação (*)	1h	16h
Carga Horária total Mensal para registro – 69 horas *20 horas semestrais de formação ou espaço escolar					

Figura 2 – Organização da carga horário do professor C

Professor C – Carga horária semanal de 20h = 13h 20min de regência e 6h 40min de estudo, planejamento e avaliação (Lei 11.738/2008 e Parecer CNE/CEB 18/2012)				
Semana	Regência de Classe	Horário de Atividades	Atividades Extra Classe/Formação	Carga Horária Semanal na UE
1	13 h e 20min	2 h 40 min	4 h	16h
2	13 h e 20min	-	4h e 40 min + 2h de Formação (*)	13 h e 20min
3	13 h e 20min	2 h 40 min	4 h	16h
4	13 h e 20min	-	4h e 40 min + 2h de Formação (*)	13 h e 20min
Carga Horária total Mensal para registro – 58 horas e 40 minutos. (*) 20 horas semestrais de formação ou espaço escolar.				

Muitas vezes, a realidade das escolas ainda é de isolamento do professor por pensar que sua responsabilidade começa e termina na sala de aula. A quebra desse paradigma pode ocorrer com a adoção de práticas participativas em que os professores aprendam nas situações de trabalho de forma que compartilhem com seus pares os conhecimentos, metodologias e dificuldades, discutam e tomem decisões sobre o projeto político pedagógico, sobre o currículo, as relações sociais internas, assim como as políticas de governo que transitam pelo município sem diálogo com a comunidade escolar.

Segundo Josso (2010), é possível realizar um trabalho integrado das biografias com as especificidades do campo educacional. A autora reivindica uma ciência da formação redimensionada das Ciências da Educação com um olhar próprio, particular, seguido de um campo teórico e metodologias específicas como a pesquisa formação, direcionando ao aprendente, nesse caso às professoras, o que é formativo do ponto de vista delas e de suas subjetividades. O processo formativo, nesse sentido, necessariamente é experiencial, “mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa” (JOSSO, 2010, p.48).

A formação continuada de professores/professoras precisa ser compreendida, do ponto de vista das lutas e constante tentativa de superação do colonialismo, como direito e não um privilégio. Entretanto, defender tal formação enquanto direito não implica negar que, ainda hoje, muitos espaços/tempos da formação são tratados como território de alguns apenas. Dentro do contexto histórico de início das primeiras instituições educacionais, o acesso à escola e à educação, embora primassem por um ideal comum, na prática era destinado a elite política e econômica, portanto, um privilégio de poucos.

A escolha de pesquisar sobre práticas antirracistas com as professoras da Educação Infantil, surgiu durante o mestrado quando conciliava as tarefas de gestora de uma unidade escolar e mediadora de formação continuada para professores da rede municipal de ensino.

De todas as tarefas rotineiras, quadro de horários, acompanhamento da merenda, recebimento de materiais, inventário de bens patrimoniais, folha de ponto, mapa estatístico, entre tantas outras, eram as questões pedagógicas que renovavam minhas esperanças em uma escola humanizada, com crianças livres de controles, conduzidas em vivências respeitadas em suas subjetividades, desejos e brincadeiras.



Os desejos que em minha infância e adolescência, por vezes foram negados por unidades escolares que viam na padronização uma estratégia eficaz de controle dos corpos de meninas e meninos que serviriam mais tarde como força para a engrenagem do capital sempre girar de forma contínua, hoje podem e devem marcar a centralidade das nossas ações pedagógicas, tecendo caminhos emancipatórios. Aqui gostaria de ressaltar que tal emancipação, ainda mais desejada por meninas e mulheres que desde a primeira infância, seja sutil ou deliberadamente, são vistas e ensinadas a servir ao patriarcado, passa pela escuta das histórias em torno dos nós que conseguimos desfazer ou daqueles que aprendemos a conviver .

Conduzir aprendizagens por meio de literaturas cuidadosas, do ponto de vista da perspectiva antirracista, também faz frutificar respostas positivas quanto a criticidade a ser desenvolvida pelas crianças. Embora, a transformação em primeiro plano esteja atrelada a mim, pois enquanto professora atuante em escolas de periferia, meu olhar de estranhamento frente a naturalização de determinadas práticas está em constante movimento, focalizado por exemplo em histórias infantis que necessitam ganhar espaço nas escolas, como as obras de Emicida (2020) “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas” e o poema de Maya Angelou (2018) com arte gráfica de Jean- Michel Basquiat em “A vida não me assusta”.

Em “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas” e “A vida não me assusta”, a presença do medo e referência à coragem marcam as obras que buscam conexão com o universo infantil através de temáticas muito próprias a qualquer ser humano. Ao aproximar o comum do diferente, o conhecido do desconhecido, a fraqueza da potência, luz e sombra, choro e riso, os autores provocam a quebra do dualismo entre tais conceitos e ampliam a ideia de coexistência, de mundos aparentemente opostos, no entanto, complementares.

Por meio de textos poéticos de autores negros, periféricos, que conheceram os dramas e dores do racismo, as crianças podem construir sentidos próprios para as suas vivências e visão de mundo, podem construir narrativas de resistência, não em um futuro longínquo, mas neste tempo atual, forjando parte de suas identidades com aportes sólidos para o enfrentamento ao racismo e misoginia, frutos da violência que tem raízes em nosso passado colonial e escravocrata.



Retornando aos livros aqui mencionados e que são utilizados em minhas aulas com crianças do Ensino Fundamental, é urgente a necessidade de dialogar sobre os nossos medos, conduzir as crianças no caminho da comunicação dos seus desgostos, das suas inseguranças. Em “e foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas”, EMICIDA (2020) aproxima “claridão e “escuridão”, desconhecidos mundos que podem coexistir pela coragem de se encarar os medos. Esse tipo de literatura, considerando um autor negro, de origem periférica, possibilita criar no imaginário infantil, e até mesmo de nós adultos, uma conexão respeitosa entre o eu e o outro, ponto fundamental na perspectiva de cidade antirracista. A foto abaixo é o recorte de uma das aulas em que EMICIDA fez parte da nossa roda de conversa e encantamento.



Foto do acervo pessoal – Macaé, 2025

Por longos séculos a população negra conviveu com políticas de apagamento de seus corpos, silenciamento de suas vozes e é na contramão dessas marcas que cada vez mais me cerco de artes com protagonistas negros, com suas particularidades capazes de revelar as frações, fissuras, subjetividades e ocupações de territórios que não dão conta de apontar uma unidade no existir e sentir. Por tais razões é urgente lembrar que “a



REFERENCIAL TEÓRICO

(...) A escola é um complexo social gestado no interior de uma sociedade, que carrega as marcas estruturais dela. Isso não significa que, como a escola reproduz o racismo, não há nada a ser feito. Muito pelo contrário: sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas também, principalmente por meio do sistema educacional formal (PINHEIRO, 2023, p. 67).

O processo pode até estar em curso, mas não se revela em outdoors ou eventos estanques em novembro. O projeto em curso para se alcançar uma cidade antirracista brota da cultura Hip Hop que se expande na cidade, com batalha de rimas e encontros de grafite. Brota de salas de aula super lotadas com professores engajados em fazer conhecida a história de Carukango (príncipe moçambicano que foi trazido da África para



ser escravizado na região do norte fluminense e que se tornou um dos maiores líderes quilombolas contra a corte real portuguesa). Brota em muitas mulheres microempreendedoras que ganham seu pão de cada dia sendo trancistas e ajudando a difundir a cultura negra e suas histórias de luta e sobrevivência.

Em tempos cada vez mais sombrios a respeito de fake news e ausência de regulação e combate às informações falsas que circulam em grandes plataformas de interação social, fica cada vez mais difícil zelar pela criticidade em relação ao que consumismos, sejam por meios digitais e até mesmo na elaboração de currículos que mais se assemelham à receitas de bolo do que a um processo democrático de consulta pública. De forma gradual as propagandas com frases de efeito decorando a cidade, ocuparão o imaginário da população que cairá no ledó engano de acreditar que racismo estrutural é algo simples de ser resolvido.

Trilhar em direção de uma cidade antirracista implica considerar a produção de memória coletiva, tanto a que se consolidou a respeito do nosso passado, quanto a que se produzirá a partir das vivências de hoje. Bento (2022, p. 41) afirma que o território da memória não é meramente recordar ou interpretar os fatos, mas “memória é também construção simbólica por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade”.

É na experiência coletiva rememorada que as práticas antirracistas se fortalecem, pois de acordo com a autora a “memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado “vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram, os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer” (BENTO, 2022, P.41). Esse movimento de produção de memória, considerando a dimensão estrutural do racismo e das ações para o seu enfrentamento, nos descola do sentido de homogeneidade, fator que os tempos atuais, regido pelas concepções neoliberais, tentam normalizar.

Krenak (2022) já denunciava que a ideia plasmada de uma humanidade homogênea em tempos onde o consumo, perfil de uma sociedade regida pelo capital, ocupa hoje o lugar que antes era da cidadania. Seguindo nesta linha de pensamento, seria no mínimo leviano afirmar que possuímos uma cidade antirracista quando ainda não existem políticas de valorização da formação continuada de professores, os que compõem a classe trabalhadora que mais pode potencializar o processo educativo dos atores sociais. E ainda, além de leviana tal propaganda é oportunista, pois pega carona em um



movimento legítimo e urgente para camuflar a realidade dura dos que sentem na pele as políticas de promoção aos ideais de meritocracia, de tercerização dos serviços públicos, de desmonte e sucateamento das escolas em nosso município, por exemplo.

Outro aspecto relevante a pensarmos é a estrutura da disparidade de desigualdade de riqueza, apontada por Collins Bilge (2021) como algo a ser repensado ao lançar a interseccionalidade como uma manifestação social com fortes contributos para entendermos as desigualdades por outras lentes que não sejam apenas pela economia neoclássica ou pelo pensamento social marxista. Entender as profundezas da complexidade em torno da formação de seres antirracistas é uma condição inegável, sobretudo quando se consideram as questões de gênero, raça, idade, cidadania, religião, sexualidade, capacidade/deficiência e tantas outras categorias entrecruzadas.

Não poderia deixar de considerar a força do movimento feminino negro que agrega todo o diálogo frente as construções e desconstruções do meu processo de pesquisaformação. Considero assim, as contribuições de Hooks (2024, p.48) no que se refere a esse feminismo precisar ser expandido ao alcance de todos, pois “a maioria das pessoas não tem conhecimento da miríade de maneiras que o feminismo mudou positivamente nossa vida”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelo poder que as palavras conferem na produção de memória coletiva, retomo então a metáfora do nó Górdio e os elos que nos conectam, pensando ser a partir do vivido, do experienciado nos cotidianos que poderemos conhecer nossas fragilidades e fracassos, para além do que já sabemos enquanto sociedade desigual e investir em reais, em tangíveis ações que nos distanciem progressivamente de um existir violento e cada vez mais próximos de uma alteridade solidária (JOSSO, 2010).

Josso (2006) aponta o nó górdio como aquele de grande complexidade na formação dos sujeitos e neste trabalho relaciono o nó Górdio como a formação continuada de professores. Um grande desafio, um nó difícil de desatar quando ainda há políticas de desvalorização do trabalho docente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que cheguei à Macaé em meados de 2010 pude vivenciar transformações profundas na cidade que passou de Capital Nacional do Petróleo, à Cidade do Conhecimento e mais recentemente Cidade Antirracista. Bem, na prática o que pude experienciar foram políticas de desvalorização do professor da Educação Básica, sendo necessários movimentos e atos de greve em diferentes contextos.

Ao longo desses anos, vivendo os desdobramentos da crise e golpe de 2016, com muitos comércios fechados e um expressivo aumento de pedintes pelas ruas e trabalhadores informais, a cidade deixou de ter uma população pendular, que vinha a trabalho, mas não fixava moradia, e recebeu um número expressivo de moradores, impactando no trânsito e crescimento desordenado em comunidades periféricas, repetindo os desafios de uma grande capital.

Daria para acreditarmos que Macaé de fato é uma cidade antirracista, considerando seu passado recente e a consolidação de um racismo ambiental que transforma comunidades como Malvinas, Nova Holanda e Lagomar em grandes áreas dominadas pelo poder paralelo?

Os sentidos da formação continuada vão além de um mero aprimoramento da prática. Estão atrelados a projetos individuais e coletivos que certamente nos transformam em profissionais melhores, pessoas melhores se considerarmos o direito à formação continuada como reparação social diante de séculos, que nós negros, estivemos à margem do acesso à educação. Neste sentido pactuo com Pinheiro (2023) quando se refere aos professores como doadores de memória, de grande importância no papel social que exercem, mesmo diante da desvalorização que sofrem.

O processo de pesquisa-formação, conceito inspirado em Josso (2010) que corresponde ao movimento dialético e dialógico de produzir conhecimento e autoformação, se articula entre formar e transformar-se. Logo, a dimensão formativa é atravessada por outras dimensões do ser como a subjetiva, por exemplo.

A busca de si (JOSSO, 2010) manifestada na capacidade de ouvir atentamente nossas vozes e concepções que estão em transformação é meu ponto de partida na tese que está sendo elaborada e a escrita deste trabalho buscou reunir brevemente parte do



que precisava entender sobre o desatar do nó da formação continuada, sob o ponto de vista de um projeto que é singular e plural, individual e coletivo ao mesmo tempo. E a diversidade de histórias de vida em formação, que objetivamente podem apontar os caminhos possíveis para vivermos a realidade de uma cidade antirracista, é a força necessária nesse percurso.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. A vida não me assusta. Ilustrações de Jean-Michel Basquiat: orga. Sara Jane Boers: tradução de Anabela Paiva . Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

BENTO, Cida. Opacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL.MACAÉ. Lei nº 195/2011. Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos do Magistério Municipal. Disponível em <http://macae.rj.gov.br/midia/uploads/file/Legislacao/Municipal/LC%20195-2011%20MAGISTERIO.pdf>.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Bomtempo, 2021.

EMICIDA. E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas. Ilustrações: Aldo Fabrini. São paulo: Companhia das letrinhas, 2020.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Paulus, 2010.

_____ As figuras de liogação nos relatos e formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.



KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

